

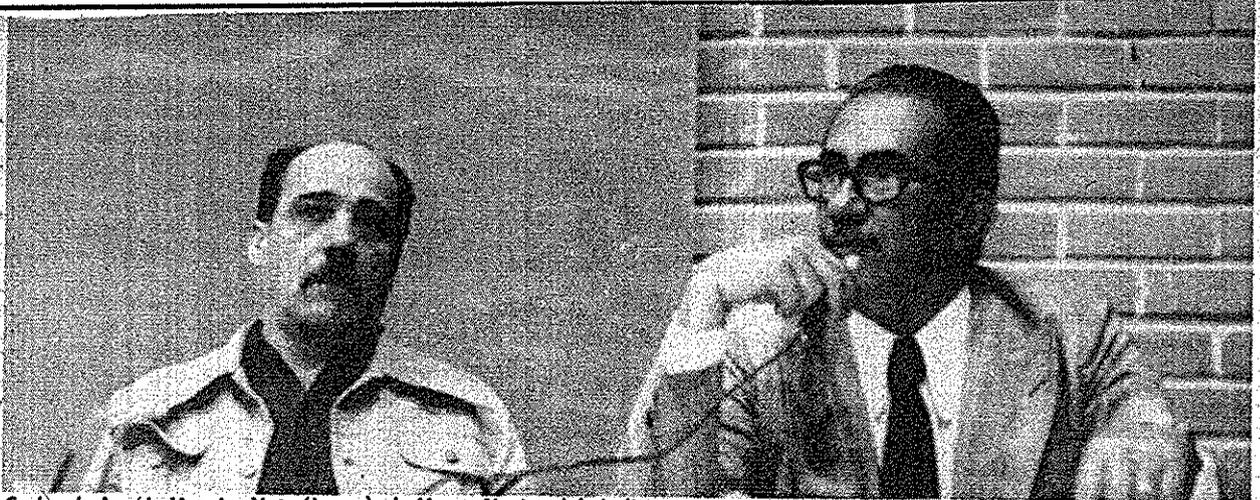
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 20

Data: 11 de julho de 1976

Pg.: _____



Carlos de Araújo Moreira Neto (à esq.), do Museu Nacional do Índio, negou um aparte a um estudante, o que provocou a interrupção do simpósio "Brasil Indígena" e o primeiro incidente da 28ª Reunião da SBPC. A seu lado, o presidente da Funai, general Ismarth de Araújo.

“Um momento, nada!” - responde o coordenador a um dos apartes Folha SP - 11.07.76

Da Sucursal

“Um momento, nada! Um momento, coisa nenhuma!”

Aos gritos, o antropólogo Carlos de Araújo Moreira Neto, do Museu Nacional do Índio, coordenador do simpósio “Brasil Indígena”, promovido pela SBPC e pela Fundação Nacional do Índio, interrompeu a fala de um estudante, que lhe solicitara tempo para completar a formulação de uma pergunta ao general Ismarth de Araújo, presidente da Funai.

Estava criando o primeiro incidente sério da 28ª Reunião Anual da SBPC: em sinal de protesto pelo comportamento “agressivo e arbitrário” de Moreira Neto, as 300 pessoas presentes se retiraram, obrigando a suspensão do simpósio sem que um dos expositores escalados, F. Silva, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, pudesse ter apresentado seu trabalho sobre o projeto integrado FFCL-Funai entre os índios Terena.

Na abertura dos trabalhos, o general Ismarth de Oliveira havia manifestado certeza de que a Funai lucraria “com todos os assuntos apresentados no simpósio e com os debates decorrentes”, e salientara: “qualquer que seja o tema abordado, nos será de grande utilidade”.

Logo ao início dos debates, porém, o coordenador, Moreira Neto, demonstrou não compartilhar do mesmo ânimo. Irritou-se seguidamente com colocações feitas pelos estudantes, que insistiam em situar o problema do índio brasileiro como reflexo da situação nacional e acusavam a Funai de ignorar conscientemente esse fato.

“A Funai não pode resolver todos os problemas sociais do País” — argumentava o coordenador.

“Além disso, todos vocês, como integrantes dessa sociedade, são também culpados pela condição atual do índio”.

CONTRASTE

O clima de tensão entre a mesa e a platéia foi aumentando, na medida em que Moreira Neto reagia às questões de forma cada vez mais exaltada.

Enquanto o general Ismarth de

Oliveira, a quem eram dirigidas as críticas mais severas, mostrava-se tranqüilo e procurava responder às indagações diplomaticamente, o professor universitário não escondia sua irritação.

“Fui eu quem convidou o general para vir até aqui; façam as críticas a mim”, disse, a certa altura.

Após desentender-se com o estudante, gritando e jogando a mesa, Moreira Neto foi demoradamente valado e, ao pressentir que os assistentes se levantavam para ir embora, apressou-se em declarar o simpósio suspenso, “para que seja exibido um filme da TV Educativa”.

Assediado por jornalistas, limitou-se a declarar que “já tinha cedido a palavra várias vezes “aquele cara”, que sempre repetia a mesma coisa”, referindo-se ao estudante a quem havia cassado a palavra. Posteriormente, em depoimento prestado à imprensa, o prof. Carlos de Araújo Moreira Neto disse que o simpósio era uma atividade em que estavam sendo apresentados projetos de antropologia aplicados aos índios brasileiros, e que os problemas começaram a surgir quando teve que limitar o número de apartes, “por falta de tempo — eram seis comunicações em três horas. O debate — segundo ele — precisava ser interrompido para projeção de filme”.

Os problemas indígenas — disse o professor — são de tal gravidade que não podem ser discutidos em termos tão genéricos e com tanta emocionalidade. “Sei que o problema é exclusivo, mas é lamentável que os problemas indígenas sejam vistos assim. Estamos interessados em defender o índio. O que houve não foi manifestação coletiva e não houve má intenção”.

A diretoria da SBPC, ao ser procurada, preferiu não fazer nenhum comentário a respeito.

AUTOCRÍTICA

Em sua palestra, ainda no Simpósio, o general Ismarth de Oliveira — que substituiu a Orlando Villas Boas, ausente por motivo de saúde — disse que a Funai, “numa atitude autocrítica”, decidiu reformular sua filosofia no tocante à aplicação da renda obtida através da exploração da mão-de-obra indígena, que

anteriormente era investida pelo Departamento de Patrimônio Indígena em diversas áreas, inclusive a administrativa.

“Agora, os recursos gerados por uma atividade produtiva indígena serão reaplicadas na própria tribo, sob a forma de projetos econômicos, de preferência agropecuários — relatou.

“A primeira experiência, realizada no posto de Mãe Maria, no Pará, onde os índios apuraram 300 mil cruzeiros na coleta de cajus, durante o ano passado, está dando excelentes resultados”.

CARENÇA DE ANTROPÓLOGOS

Por outro lado, Ismarth de Oliveira revelou que a Funai está com carência de antropólogos de campo, que atuam junto aos grupos indígenas durante prolongados períodos de tempo.

“Os que nos procuram, em sua maioria — contou — permanecem numa determinada tribo apenas o tempo necessário para recolher subsídios que informarão suas teses de mestrado ou pós-graduação”.

NEGOU PROIBIÇÃO

Negou, finalmente, que a Funai tivesse proibido a vinda de índios a Brasília, a fim de que participassem do congresso.

“Seria impossível trazer um representante de cada grupo representativo — justificou.

“Além disso, deslocar um índio só para que ele sirva de ilustração de uma reunião, pois ele não pode falar em nome de toda a comunidade indígena nacional, não é nossa política”.

A prof.ª Cecília Helm, da Universidade Federal do Paraná, falou sobre a experiência dos programas de desenvolvimento entre os índios Kaiqang. Outro expositor, Jorge Zarur, da Funai, discorreu sobre projetos de aproveitamento econômico da Ilha do Bananal pelas comunidades indígenas ali sediadas, mas recusou-se a divulgar cópias de seu trabalho e dos projetos, contrariando uma praxe obedecida até agora pelos demais cientistas.

“Ainda está em forma de rascunho, cheio de emendas — disse.

“Eu poderia ficar com fama de analfabeto”.